

Mártires e martírios num mundo em expansão

S. Tomé no Império Português entre a Índia e o Brasil

*De acordo com as
Actas de Tomé, um
milagre post mortem
teria motivado,
que os seus restos mortais
tivessem sido trasladados
para “as proximidades
do Ocidente”.*

*No entanto,
ao longo da história,
as duas cidades
Edessa, na Mesopotâmia,
e Meliapor, no Sul da
Índia, têm reivindicado
este estatuto.*

**Maria Cristina
Osswald**

*Universidade do Minho
e Universidad Nacional
de Educación a Distancia
(Madrid)*

*Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo,
chorou-te toda a terra que pisaste;
mais te choram as almas que vestindo
se iam na Santa Fé que lhes ensinaste.
Mas os anjos do céu, cantando e rindo,
te recebem na Glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ainda peças
com que os teus Lusitanos favoreças*

LUÍS DE CAMÕES, *Lusíadas*, X, 118)

O conhecimento na Europa acerca do Apóstolo S. Tomé antes da Expansão de Quinhentos

O texto apócrifo dos actos sírios de Tomé (séc. IIII) é o texto mais antigo, que se conhece, e que descreve o presumível apostolado do Apóstolo S. Tomé na Índia. Este texto, que está repleto de episódios taumatúrgicos, apresenta Tomé ou Dídimo, enquanto irmão gêmeo de Cristo. Cristo ressuscitado determina, que Tomé seja vendido como escravo na Índia, onde é primeiro carpinteiro e depois arquitecto do Rei Gundafaro. Na Índia, Tomé é missionário na Corte do Rei Misdaí, razão que determina a sua execução. Mais precisamente, em vez de construir um palácio para o Rei, o Apóstolo Tomé distribui o dinheiro entre os pobres.

Segundo Orígenes (Eus. h.e IV, 1, 1-3), Tomé teria sido missionário na Mesopotâmia, de onde teriam surgido ligações com a Índia. Comprova-se o culto a São Tomé em Edessa desde o séc. IV, e ainda em Milão em

data muito remota, difundindo-se a sua iconografia na Europa a partir da arte carolíngia. São os feitos de Tomé destacados na *Legenda Aurea*.¹

Na Europa, a história lendária ou não da missão, do martírio e da morte de S. Tomé na Índia do Sul difundiu-se essencialmente a partir do séc. XII em ligação com as Cruzadas e os crescentes contactos entre a Europa e o Próximo Oriente.² Destacam-se, no séc. XIII, os relatos de viajantes e mercadores italianos. Entre outros, Marco Polo, que viajou pela Índia do Sul, dedicou um capítulo a S. Tomé na sua obra *Il Millione*.³

**A Expansão Portuguesa e a difusão da história
da missão de S. Tomé Apóstolo
- do túmulo de Meliapor às pegadas do Brasil**

No início do séc. XVI, após um hiato de contactos entre o Ocidente e o Oriente, devido a factores como a Peste Negra e o Cisma do Ocidente na Europa, e a intensificação de fanatismos e nacionalismos na China e na Ásia Central, observou-se um redobrado interesse pelas histórias relativas à missão e ao martírio do Apóstolo Tomé. Apenas chegados ao Malabar, os portugueses procuraram estabelecer contactos com os cristãos locais, que atribuíam a sua conversão ao próprio S. Tomé.⁴

Liga-se à Expansão Portuguesa o início duma divulgação em larga escala da existência de comunidades de cristãos tomasinos na Índia do Sul, tendo sido o tema tratado por quase todos os cronistas religiosos e leigos do Império. Ademais, a lendária missão de S. Tomás no Brasil é também descrita pelos cronistas do Oriente. Afirmo o franciscano, Trindade, que *Tomé Bosio*, De Signis Ecclesia, Sigre 6. 11-19 escreveu que S. Tomé terá pregado no Brasil, tendo aí ficado impressas as suas pegadas numa pedra dura.⁵ Aliás, as pegadas eram as relíquias mais importantes ligadas a esta passagem de Tomé por terras de Vera Cruz.⁶

A partir de 1501 os portugueses foram informados acerca duma casa em Madras, actual Chennai, que era considerada pelos cristãos locais como tendo sido umas das residências do Apóstolo S. Tomé, graças ao relato descrevendo as viagens de Pedro Álvares Cabral. Ainda no mesmo ano, D. Manuel I comunicou euforicamente ao seu congénere castelhano e ao Papa a mesma notícia em uma carta de 28 de Agosto. Foram ainda instrumentos principais da difusão desta notícia fora de Portugal as cartas e os relatos escritos por mercadores e viajantes estrangeiros em Portugal e no

¹Stork, Hans Walter, "Thomas, Apostel", *Lexikon für Theologie und Kirche*, ed. Joseph Höfer e Karl Rahner, Freiburg im Breisgau, Herder, 1964, 2ª ed., vol. IX, pp. 1506-1507.

²Reis Thomaz, Luís Filipe, "A Lenda de S. Tomé Apóstolo e a Expansão Portuguesa", *Lusitânia Sacra* 3 (1992), p. 384.

³Albônico, Aldo, *Imprese Portoghesi e Comunità Tomassine: Riflessi ed echi in opere italiane del Cinquecento*, pp. 177-178.

⁴Osswald, Maria Cristina, "A Coroa Portuguesa e o Culto de S. Tomé Apóstolo", *O Sagrado e o Profano, História do Sagrado e do Profano*, coord. Carlos Guardado da Silva, Câmara Municipal de Torres Vedras/Universidade de Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 77.

⁵Trindade, Frei Paulo da, *Conquista Espiritual do Oriente: em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental em a pregação da fé e conversão dos infiéis, em mais de trinta reinos, do Cabo de Boa Esperança até as remotíssimas Ilhas do Japão*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, vol. I, p. 6.

⁶Ver o artigo de Renato Cymbalista neste volume.

Oriente, e que começaram a ser impressos desde o início do séc. XVI. No *Calcoen*, relato que trata a segunda viagem de Vasco da Gama à Índia e que foi impresso em 1504 em Antuérpia, lê-se:

“A seis dias de Coloén (isto é, Coulão), está uma cidade que se chama Lapis e ahi próximo, no mar, jaz S. Thomé: por 14 dias perto do seu dia, atravessa-se para ali o mar a pé enxuto. E dá-se a santa comunhão a toda a pessoa que é digna della, e aqueles que são indignos doutrinam-se.”⁷

Na versão oficial da Igreja Católica, o corpo de S. Tomé Apóstolo encontra-se, desde 1258, na cidade italiana de Ortona na Costa do Adriático. Pois, de acordo com as Actas de Tomé (Tom. 170), um milagre *post mortem* teria motivado, que os seus restos mortais tivessem sido trasladados para “as proximidades do Ocidente”. No entanto, ao longo da história, as duas cidades Edessa na Mesopotâmia e Meliapor no Sul da Índia têm reivindicado este estatuto.⁸ Ou, como escreveu o jesuíta português João de Lucena no séc. XVII:

“Fazem-se dois sepulcros ilustres das relíquias do apóstolo São Tomé: um em Ortona de Apúlia, em Itália (...): O outro é aquele de Edessa. (...). Mas esta dúvida, que é ordinária e comum sobre os sepulcros dos santos mártires, prejudicando ao crédito das relíquias dos outros muy pouco, às do nosso na Índia serve muito. (...). Queremos que em todas as partes onde o povo cristão com antigos e apropriados fundamentos cuida que tem, e com a tal opinião venera, as relíquias dos santos, verdadeiramente as haja, contando que se entenda que basta estarem elas repartidas por diversos lugares para de cada um se poder dizer, como ordinariamente se diz, sem prejuízo da verdade, que tem o corpo do mártir ou o mesmo mártir.”⁹

Muito antes, uma fonte documental indiana, ou seja, o relato do P. José de Cranganor de 1502 continha a seguinte indicação.

“Naquela cidade [Meliapor] está uma igreja de S. Tomé tão grande como a de S. João e de S. Paulo em Veneza. Nela está colocado o corpo de S. Tomé. Ali fazem-se muitos milagres, e gentios e cristãos têm-na na maior veneração”.¹⁰

Esta mesma teoria do túmulo indiano de S. Tomé difundiu-se rapidamente no resto da Europa. Duas cartas enviadas pelo florentino Andrea Corsali de Cochim para Itália respectivamente a Guiliano de' Medici (Janeiro de 1516) e a Lorenzo de' Medici foram, de imediato, impressas. Refere Corsali na primeira carta informação,

⁷“Calcoen”, *Vasco da Gama e a Vidigueira, estudo histórico*, ed. A. C. Teixeira Aragão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p. 93.

⁸Osswald, Maria Cristina, “A Coroa Portuguesa e o Culto de S. Tomé Apóstolo”, *O Sagrado e o Profano, História do Sagrado e do Profano*, coord. Carlos Guardado da Silva, Câmara Municipal de Torres Vedras/Universidade de Lisboa/Edições Colibri, 2008, p. 77.

⁹Lucena, João de, *História da Vida do Padre Francisco Xavier*, Lisboa, Alfa, 1989, vol. I, pp. 173-174.

¹⁰“Relato do P. José de Cranganor”, *Notícias de Missionação da Índia e da Insulíndia*, ed. Luís de Albuquerque, Lisboa, Alfa, 1989, p. 74. (Ver igualmente Thomaz, Luis Filipe Reis, *A carta que mandaram os padres da Índia, da China e da Magna China – Um relato siríaco da chegada dos portugueses ao Malabar e seu primeiro encontro com a hierarquia cristã local*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1992, pp. 131-132).

que corria à data do local onde se suspeitava se poderia encontrar o corpo de S. Tomé, e que correspondia, aliás, à localização tornada oficial pelos portugueses em 1522:

“Os senhores da terra do Malabar são todos gentios, e os habitantes são em grande parte mouros, outros são judeus, outros cristãos de S. Tomé: e existem ainda certas igrejas, que se diz serem feitas por milagre. Uma encontra-se a c. de cinco léguas de Cochim em um lugar chamado Elongalor: A outra encontra-se em Coulão, nas quais celebram certos arménios que vão para a Índia para tratar dos mesmos cristãos. A igreja principal encontra-se em Coromandel, a qual foi visitada por Andrea Strozzi o ano passado e na qual estará sepultado São Tomás, e onde se vê um sepulcro dum etíope cristão da Terra do Preste João, que andava na sua companhia, e que nas partes da igreja encontram-se certos relevos com letras, as quais ele não pode entender. Diz também que se trata duma forma de pé marcado na pedra, de grandeza milagrosa e fora da natureza moderna, que dizem ter sido feita por S. Tomé de modo milagroso.”¹¹

O âmbito geográfico atribuído pelos europeus da Época Moderna à missionação do Apóstolo de Tomé acompanhou o percurso da Expansão Portuguesa, “trasladando-a” do Oriente para o Ocidente. C. 1516, a *Nova Gazeta da Terra do Brasil* publicou a seguinte notícia de autor anónimo:

“Na mesma costa ou terra há ainda memória de São Thomé. Quizeram também mostrar aos Portugueses as pegadas no interior do paiz. Mostram igualmente a cruz que há terra a dentro. E quando fallam de São Thomé dizem que elle é o deus pequeno. Pois há outro deus que é maior. E’ bem crível que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que São Thomé realmente está por traz de Malacca na costa de Simaramati no golfo de Ceilão. Na terra dão frequentemente aos seus filhos o nome de Thomé.”¹²

A mesma lenda perdurou, aliás, no imaginário colectivo do Brasil durante um longo período. Na *Clavis Prophetarum*, o P. António Vieira escreveu:

“Finalmente, Alávide acrescenta ao que os outros dizem que, segundo o testemunho de Trigáucio entre os Chineses, e o de Manuel da Nóbrega entre os índios, subsistem vestígios inequívocos da pregação apostólica feita por S. Tomé. Eu próprio sou testemunha ocular de que ainda hoje subsistem perto das praias da Baía, impressas num rochedo muito duro, dos dois pés de um homem, que uma tradição indígena constante diz serem do mesmo Apóstolo, o qual percorrendo todo o oceano, se deslocou, sobre as águas, daquela costa para a Índia Ocidental.”¹³

A Coroa Portuguesa e o culto de S. Tomé no Império Português

Para os defensores da tese do túmulo do Malabar, a origem da comunidade nestoriana estaria, à semelhança da comunidade cristã ibérica, intimamente ligada

¹¹ Ramusio, Giovanni Battista, *Navigazioni e Viaggi*, Torino, Einaudi, 1978, vol. I, p. 608.

¹² “A Nova Gazeta da Terra do Brasil”, *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 23 (1915), p. 118.

¹³ Vieira, António, *Clavis Prophetarum*, segundo a edição crítica, tradução, notas e glossário de Arnaldo Espírito Santo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, pp. 177-178.

à existência de relíquias dum apóstolo. Neste sentido, não foi por mera causalidade, mas sim uma notória tentativa de estabelecer paralelismos devocionais, que o poder português político- religioso tenha dedicado os primeiros dois templos cristãos a S. Tomé e a S. Tiago na cidade de Cranganor, cidade que era então maioritariamente habitada por comunidades nestorianas.¹⁴

A existência de cristãos, sobretudo “em posse” do corpo dum apóstolo constituiu, portanto, argumento fundamental da Coroa e da Igreja Portuguesas na sua preocupação de justificar a sua presença no Oriente. Tal motivação foi a principal razão para que os portugueses se tivessem tornado, logo à sua chegada à Índia, principais arautos da tradição do Malabar divergente da versão oficial de Roma¹⁵. Como observou Luís Filipe Reis Thomaz, a vontade clara dos portugueses recuperarem a seu favor a tradição malabar exprime-se no facto de terem deixado cair propositadamente no esquecimento a tradição da evangelização da Índia do Norte pelo Apóstolo S. Bartolomeu. Os portugueses justificavam ainda tal presença pela reposição ou recuperação duma evangelização milenar.¹⁶

De igual modo, a difusão da lendária passagem de S. Tomé no Brasil, que teve nos jesuítas a partir do P. Manuel da Nóbrega instrumentos principais, serviu para justificar a presença do Cristianismo desde remota época nesta distante região, integrando-a no espaço de fé cristã. À semelhança do que ocorreu no Malabar, pretendia-se também no Brasil passar a mensagem, que a chegada portuguesa se devia à vontade divina. Ou seja, os portugueses teriam sido eleitos para virem terminar o trabalho iniciado em tempos apostólicos, pois “era tradição entre os índios que Tomé tinha dito que voltaria outra vez a vê-los”.

Instrumentos da política régia
(as inquirições e as campanhas militares):
a sua importância devocional (peregrinações, relíquias,
património artístico)

Sem dúvida, a partir do início da Expansão, os reis portugueses e os seus representantes locais sentiram, como demonstra a carta de 1501 de D. Manuel I, um enorme interesse em difundir a tese da missão de S. Tomé Apóstolo no Oriente e no Brasil. Uma das provas contundentes deste interesse da Coroa de Portugal foi a busca de informações em primeira mão. Ou seja, no ano seguinte, o próprio Rei D. Manuel falou com o cristão do Malabar José. Durante este colóquio, José informou detalhadamente o Rei acerca do túmulo de S. Tomé em Meliapor. Alguns anos depois, em 1507, o Vice-Rei da Índia D. Francisco de Almeida enviou quatro emissários ao Coromandel, Bengala e Pegu, recomendando-lhes que:

¹⁴Gil, Juan, “El Encuentro de los Portugueses con la Cristandad Nestoriana: Mitos e realidades”, *Mare Liberum* 10 (1999), p. 321.

¹⁵A presença territorial portuguesa na Índia ocorreu precisamente em zonas habitadas por cristãos de S. Tomé. Referimos os estabelecimentos de Cochim (1505) e Cananor (1507-1508). (*Notícias de Missão da Índia e da Insulíndia*, ed. Luís de Albuquerque, Lisboa, Alfa, 1989, p. 15).

¹⁶Thomaz, Luís Filipe Reis, *A Lenda de S. Tomé Apóstolo e a Expansão Portuguesa*, Lisboa, Ministério do Planeamento e da Administração do Território/ Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia/ Instituto de Investigação Científica Tropical, 1992, pp. 368-369.

“sobretudo tomassem muita enformação da Casa do Apóstolo S. Thomé que lá estava, segundo tinha enformação por alguns homens do Malavar que diziam ser christãos de ensinança do Sancto Apostolo.”¹⁷

No ano seguinte Diogo Lopes de Sequeira comandou uma armada até Malaca, levando, igualmente, as recomendações do Rei para inquirir nessas paragens acerca do Apóstolo S. Tomé. Após ter sido pessoalmente informado pelo padre nestoriano José acerca deste túmulo, D. Manuel I ordenou trabalhos de escavação, dos quais resultou em 1523 a descoberta do presumível túmulo do Apóstolo. Entre 1531 e 1533 D. João III determinou a realização de inquéritos acerca da veracidade do túmulo a realizar entre os habitantes locais mais idosos. Foi enviado ainda na mesma ocasião um questionário com oito artigos contendo a vida do Santo ao modo ocidental.¹⁸

Sobretudo, estas mesmas inquirições foram fundamentais na difusão na Europa dos aspectos principais da hagiografia oriental de S. Tomé. Como se pode ler na “Enformação da christandade de S. Thome que estaa no Malavaar, reino da Índia Oriental de 77” (1577), a informação destes textos foi recolhida junto “a pessoas antigas e de crédito” e confirmada pelos livros e pelas cantigas locais.¹⁹

As várias inquirições, sobretudo o relato da descoberta de três túmulos, que corresponderiam presumivelmente aos túmulos de S. Tomé, do rei convertido pelo Apóstolo e ainda dum servo, estiveram na origem da proliferação de vários episódios taumatúrgicos atribuídos à intercessão do Apóstolo S. Tomé. Estes episódios narrados, entre outros, pelos cronistas oficiais da Coroa João de Barros e Gaspar Correia e pelo poeta Luís de Camões foram avidamente coleccionados pelos portugueses. Quando os portugueses escavaram em 1517 o suposto túmulo de Tomé em Meliapor, encontraram um documento dizendo que o Apóstolo teria trazido consigo para a Índia uma régua de carpinteiro e um tronco para construir uma igreja ou casa do rei concordando esta história assim com a versão difundida pelos Actos de S. Tomé.

Também no Brasil se espalharam a toda a velocidade inúmeras lendas milagrosas à volta da suposta passagem de São Tomé naquela região entre os conquistadores europeus:

“Dizen ellos [os índios] que Sancto Thomás, a quien llaman Zomé, passó por aqui. Esto les quedó por dicho de sus antepassados. Y que sus pisadas están señaladas cabo un rio, las cuales yo fuy a ver por mas certeza que la verdad, y vi con los proprios ojos quatro pisadas muy señaladas con sus dedos, las cuales algunas vezes cobre el rio quando hinche. Dizen también que quando dexó estas pisadas yva huyendo de los Indios que lo querian flechar, y llegando allí se le abriera el río, y passara por medio dél sin se mojar a la otra parte; y de allí fué para la India. Ansí mesmo cuentan que quando le querian flechar los Indios, las flechas se bolvían para ellos y los matos le hazían camino por do passasse. Otros cuentan esto como escarnio. Dizen también que les prometió que avía de tornar otra vez a verlos.”²⁰

¹⁷ Correia, Gaspar, *Lendas da Índia*, Porto, Lello & Irmão, 1975, vol. I, pp. 739-740.

¹⁸ Osswald, *A Coroa Portuguesa*, p. 81.

¹⁹ “Enformação da christandade de S. Thome que estaa no Malavaar, reino da Índia Oriental de 1577”, *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*, 1996, vol. XII, pp. 394-395.

²⁰ “Carta do P. Manuel da Nóbrega aos padres e irmãos de Coimbra, Baía, Agosto de 1549”, *Monumenta Brasiliae*, ed. Serafim Leite, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1956, vol. I, vol. I, pp. 155-156.

Na Índia, a realização destas inquirições foi acompanhada pela realização de várias campanhas arqueológicas. Estas foram, por sua vez, mais um contributo importante para o conhecimento e para a difusão de relíquias corpóreas e de contacto do Apóstolo Tomé. Em 1517, foram postos a descoberto um elevado tecto pontiagudo em cúpula, cuja construção foi atribuída ao próprio santo, uma capela com o túmulo junto ao coro do lado do Evangelho e ainda uma capela no coro do lado da Epístola, na qual foi encontrado um corpo de imediato atribuído ao rei indiano, que segundo rezava a lenda, se teria convertido ao Cristianismo. Viram ainda os portugueses no local uma mancha de sangue, que parecia fresco, e uma outra pedra tendo uma marca que era aí considerada como sendo uma marca do joelho resultando da queda do santo, quando foi ferido de morte.

A posse de igrejas ou de outros edifícios ligados a esta figura, assim como de relíquias, era objecto de frequente disputa entre as várias ordens missionárias, reflexo da importância dos vestígios materiais ligados a S. Tomé para os europeus. Na tradição local a capela onde estaria enterrado o corpo de S. Tomé seria toda realizada neste material pelo próprio Santo. Desse facto teria surgido a expressão “pau de S. Tomé.”²¹ Naturalmente, as relíquias executadas neste material adquiriram um notável valor devocional. Mal os portugueses demoliram a sua presumível habitação em Meliapor, iniciou-se um verdadeiro comércio de cruzeiros e contas de rosário fabricadas com esta madeira.

Por seu lado, no que se refere ao Brasil, várias missões foram enviadas a esta região para observar os presumíveis vestígios da passagem de S. Tomé. Afirma, assim, por exemplo, uma carta de Vicente Rodrigues aos irmãos e padres de Coimbra com a data de 1552:

“Hua cruz hicimos y fuimos en procissão, y pusímosla en las pisadas de S. Thomás, que está ai cerca.”²²

Rapidamente, estas excursões tornaram-se autênticas romarias, segundo, entre outros escritos, nos conta esta carta de 1552 endereçada por meninos órfãos da Bahia ao P. Pero Domémech:

“Quanto a la romería de las pissadas, de la Aldea donde posamos es un tiro de ballesta. Lo más de la noche tuvimos grandes cumplimientos com el Principal que estava al presente. Nos dixieron que morásemos allí y a que nosotros, que sabíamos, los enseñáramos y ellos nos harían una cassa en las pisadas del bienaventurado Santo. Com los quales de mañana partimos, después de pláticas y predicaciones por las casas y cantares, para las pissadas, com la letaña nuestra compañera, y ellos todos con ora pro nobis.”²³

²¹ De acordo com a lenda mais difusa, quando S. Tomé se encontrava no Malabar, um tronco gigantesco chegou por mar até às redondezas da cidade de Cranganor. Depois de, a mando do rei local, uma junta de bois ou de elefantes não ter conseguido transportar o tronco para terra, S. Tomé pediu ao rei para tentar a sua sorte. O rei assentiu, dizendo que cumpriria todos os desejos, que o Apóstolo fizesse, se o mesmo tivesse êxito no seu intuito. S. Tomé disse então ao rei que, caso conseguisse transportar o madeiro para terra, a única coisa que queria era usar parte deste na construção duma habitação.

²² “Carta do Irmão Vicente Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra, Baía, 17 de Setembro de 1552”, *Monumenta Brasiliae*, vol. I, p. 411.

²³ “Carta dos meninos órfãos ao P. Pero Domenech, Baía, 5 de Agosto de 1552”, *Monumenta Brasiliae*, vol. I, pp. 379-380.

A conservação e a difusão do património material e devocional ligado a esta figura santa foram, sem dúvida, um aspecto particularmente fomentado pela Coroa, e que teve o seu início com a chegada portuguesa ao Oriente. Entre 1510 e 1511 Afonso de Albuquerque financiou com 1,000 fanões a reconstrução da igreja dos cristãos de S. Tomé em Cranganor.²⁴

A ligação estabelecida pelas autoridades portuguesas e as suas vitórias militares constitui um outro aspecto determinante para a difusão do culto e da iconografia do Apóstolo Tomé no espaço lusófono e para além dele. Segundo Francisco de Sousa, D. João de Castro tinha por costume atribuir as suas vitórias militares à intercessão de S. Tomé, relacionando estas vitórias com a descoberta durante o seu governo da pedra, sobre a qual S. Tomé teria sofrido o martírio.²⁵

De igual modo, a propaganda política atribuiu a S. Tomé a vitória sobre o Hildalção nas Terras de Salsete, Goa. Lemos, por exemplo, em João de Lucena, que foi exactamente durante esta campanha militar, que teria sido introduzido o costume de se interceder a S. Tomé pela vitória por ordem do Rei D. João III, mas a pedido do mesmo D. João de Castro. Em agradecimento ao Santo, pelo qual nutria uma devoção especial, D. João de Castro mandou ainda erguer um arco de triunfo. Foi depois colocado um retábulo sobre o mesmo arco mostrando a célebre iconografia da incredulidade de S. Tomé, após uma imponente procissão envolvendo toda a cidade.²⁶ Por fim, a nova moeda trazida para a Índia em 1544 tinha a efígie de S. Tomé num dos lados. Pelo contrário, o milagre da pedra com a cruz incisa parece ter prognosticado a aproximação de grandes males para os interesses portugueses. Por exemplo, em 1695, este fenómeno foi seguido da captura de Mombaça pelos árabes.²⁷

Os cronistas do Império Português relacionam as conquistas militares com a presença das cristandades locais, dando-lhes um carácter profético. Frei Paulo da Trindade, o cronista seiscentista da Ordem de S. Francisco na Índia, defende que a Descoberta da Índia pelos portugueses concretizou uma suposta aparição de Jesus Cristo a Afonso Henriques em Ourique. Durante esta mesma aparição, Jesus Cristo teria comunicado ao Rei, que os portugueses tinham sido escolhidos para construir um império e para difundir o Cristianismo. Nesse sentido, a versão da profecia da chegada das águas, segundo a qual homens de tez branca facilmente identificáveis com portugueses viriam salvar os cristãos locais, quando as águas do mar chegassem à cruz em Meliapor acentua o carácter de predestinação deste encontro entre cristãos de continentes diferentes.

Aspectos de sincretismo religioso, geográfico e cultural

As inquirições realizadas em 1517 e em 1530 na Índia incluem a Lenda do Pavão já mencionada por Marco Pólo. Numa das versões locais mais correntes da lenda, um

²⁴ "Carta de Afonso de Albuquerque ao feitor e escrivães da Feitoria de Cochim, Cochim, 11 de Outubro de 1510", *Documentação para a História das Missões*, vol. I, p. 106.

²⁵ Sousa, Francisco, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo pelos Padres da Companhia de Jesus da Província de Goa, Porto, Lello & Irmão*, 1978, p. 61.

²⁶ Lucena, *História da Vida do Padre Francisco Xavier*, vol. II, pp. 169-170.

²⁷ Mundadan, A. Mathias, *The arrival of the Portugese in Índia and the Thomas Christians, Bangalore, Dharmaram College*, 1967, p. 59.

caçador teria morto S. Tomé, quando o santo se encontrava transfigurado de pavão em êxtase. S. Tomé seria assim o único mártir por acaso do Cristianismo. Esta versão é particularmente interessante, pois inclui elementos mitológicos semelhantes a elementos, que se encontram no Budismo, no Shivaísmo e no Hinduísmo. Ou seja, Deus Subrahmanyam, filho de Shiva, monta um pavão. Curiosamente, no séc. XVII, foi encontrada uma estátua de Shiva a cavalgar o pavão a cerca de 200 m da gruta. No Hinduísmo, um pavão pode também reencarnar Parvati, mulher de Shiva.²⁸

Lemos nos relatos de Gaspar Correia de 1530 que:

“No meio caminho da santa casa pera o monte estava huma grande pedra, assi feita como monte, onde estaua huma lapa que tinha hum buraco onde tambem o santo orava; onde estava huma fonte d’ água, que se dizia que o santo fizera dando com o ferro de hum bordão que trazia, com que dera na pedra e se abrira a fonte pequena que muito tempo correrá. Junto desta fonte, em uma pedra estava figurada na pedra uma joelhada, e uma pegada tão segurada como se estivera feita em barro.”²⁹

Uma lenda budista do Cachemira no Norte da Índia pode ser igualmente relacionada com esta lenda cristã. Em 640, um peregrino budista no Cachemira teria ouvido a história, que Buda se tinha transfigurado num pavão e tinha escavado uma fonte com o bico numa rocha. Água com propriedades curativas começou a jorrar desta fonte. Esta lenda serviu igualmente para ajudar a explicar a designação de Meliapur. Este nome corresponde ao sânscrito Mayûrapura, Cidade do Pavão, evocando ainda uma lenda hindu, na qual o nome Meliapur provem do nome da deusa hindu Maurvali.³⁰ De igual modo, existem versões hindu e muçulmana muito semelhantes à história do famoso pau de São Tomé.³¹

Curiosamente, a crença lendária da passagem de S. Tomé pelo Brasil liga-se a uma confusão etimológica entre o nome desta figura e o nome duma divindade local. Era a última Zomé, “o deus criador e civilizador” dos índios Tupinambás, a quem teria aliás dado o mantimento constituído por raízes e ervas.³² Nomeadamente, Frei Vicente do Salvador, cronista da Província Franciscana do Brasil, afirma que era tradição antiga naquela terra que o Apóstolo Tomé tinha visitado a terra abençoada da Baía onde teria distribuído a planta da mandioca, produto alimentar básico naquela região.³³

Para além deste sincretismo trespassando tradições culturais e religiosas europeias e não europeias, as descrições europeias relativas à presença de Tomé na Índia apresentam elementos em comum (o santo a ser atingido com flechas e rios a abrirem-se) com as descrições europeias com o mesmo tema e localizadas na Ásia.³⁴

²⁸ Osswald, Maria Cristina, “A Lenda do Apóstolo S. Tomé no Malabar e os Jesuítas entre os sécs. XVI e XVIII”, *Brotéria* 2008, p. 148.

²⁹ Correia, Gaspar, *Lendas da Índia, Porto, Lello & Irmão*, 1975, vol. II, pp. 421-422.

³⁰ Osswald, “A Lenda do Apóstolo S. Tomé no Malabar e os Jesuítas entre os sécs. XVI e XVIII”, p. 148.

³¹ Schurhammer, Georg, *Francisco Javier: su vida y su tiempo*, Bilbao, Mesajero, 1992, vol. IV, p. 736.

³² Leite, Serafim, “Introdução”, *Monumenta Brasiliae*, vol. I, p. 18.

³³ Salvador, Frei Vicente do, *História do Brasil (1500-1627)*, São Paulo e Belo Horizonte, Ed. Itatiaia e Ed. Da Universidade de São Paulo, 1982, p. 112.

³⁴ Oliveira, Maria Lêda, “O Apóstolo S. Tomé, o Império Português e o lugar do Brasil”, <http://docs.google.com/gview>, p. 3.

Conclusão

Pensamos que este episódio hagiográfico do Apóstolo S. Tomé é um tema particularmente interessante do ponto de vista da hagiografia e do culto na Época Moderna. Tendo tido uma origem em tempos apostólicos, o mesmo culto ganhou, no entanto, uma ênfase especial graças aos Descobrimentos Portugueses e posteriormente espanhóis. Foi o mesmo culto, sem dúvida, um elemento importante dum mundo em expansão. Enquanto culto com elementos de origem também geográfica no Império Português, tal culto teve uma componente política notória. Foram a Coroa e seus mais altos representantes principais instrumentos na difusão deste culto dentro e fora do Império Português. Finalmente, a figura do Apóstolo S. Tomé é tanto mais interessante do ponto de vista da hagiografia, e da devoção, quanto está profundamente imbuída dum carácter sincretizando uma série de tradições culturais, religiosas de amplo espectro geográfico cultural.